

**COMITÉ REGIONAL PARA A ÁFRICA**

**ORIGINAL: INGLÊS**

Septuagésima segunda sessão  
Lomé, Togo, 22 a 26 de Agosto de 2022

**ALOCUÇÃO DE ABERTURA DO DIRECTOR-GERAL DA OMS NA SEPTUAGÉSIMA  
SEGUNDA SESSÃO DO COMITÉ REGIONAL PARA A ÁFRICA, LOMÉ, REPÚBLICA  
DO TOGO, 22 DE AGOSTO DE 2022**

Vossa Excelência, Senhor Presidente Faure Gnassingbé,  
Ex.ma Sr.<sup>a</sup> Primeira-Ministra Victoire Tomegah Dogbé,  
Ex.ma Sr.<sup>a</sup> Presidente da Assembleia Nacional, Yawa Djigbodi Tségan,  
Ex.mo Sr. Ministro, Mijiyawa Moustafa,  
Vossa Excelência, Senhora Embaixadora Minata Samate Cessouma,  
Ex.mas Senhoras e Ex.mos Senhores Ministros e Chefes de Delegação,  
Ex.ma Sr.<sup>a</sup> Dra. Moeti, Directora Regional da OMS,  
Estimados colegas e amigos,

Good morning to all of you, bonjour à tous, bom dia a todos.

Agradeço a Vossa Excelência, o Presidente, assim como ao Governo e ao povo do Togo, pela vossa hospitalidade ao acolherem esta sessão.

Aproveito também a oportunidade para reiterar as felicitações manifestadas pela minha irmã, a Dr.<sup>a</sup> Moeti, pelas conquistas na área da saúde que conseguiram assegurar no Togo nos últimos anos.

A libertação do Togo da dracunculose, da tripanossomíase humana africana, da filaríase linfática e do tracoma é um feito notável que libertará muitas pessoas da ameaça destas doenças devastadoras.

Felicito-vos também pelos progressos assegurados na melhoria da gestão e da eficiência dos hospitais, e no aumento do acesso a serviços por parte da população.

Excelências,

A semana passada marcou o início do meu segundo mandato como Director-Geral.

Estou profundamente grato pela confiança e o apoio demonstrado pelos Estados-Membros africanos durante a minha reeleição.

Não consigo imaginar um lugar melhor para começar o meu segundo mandato do que aqui em África, que é a minha casa.

Estou absolutamente radiante por poder estar aqui hoje convosco.

Após dois anos de reuniões virtuais, o facto de podermos voltar a reunir-nos presencialmente é uma prova dos esforços que vocês, enquanto líderes, envidaram para proteger os vossos povos da COVID-19.

A OMS orgulha-se de vos ter apoiado através de remessas de abastecimentos, incluindo testes, máscaras, EPI, entre outros. Como parte do nosso compromisso com o reforço da segurança sanitária na Região, anunciámos no mês passado a construção de um novo pólo logístico africano no Quénia, para que estejamos mais bem preparados para futuras epidemias e pandemias.

É muito gratificante verificar que os casos e as mortes reportadas na Região estão agora nos seus níveis mais baixos desde o início da pandemia.

E apesar da terrível desigualdade que tiveram de enfrentar no acesso às vacinas;

Apesar das informações erradas e da desinformação;

E apesar das muitas prioridades concorrentes que enfrentam, estamos agora a assistir a progressos encorajadores na cobertura vacinal na Região, apoiados pela Parceria para a Distribuição de Vacinas contra a COVID-19 que criámos em conjunto com a UNICEF e a GAVI para acelerar a cobertura vacinal nos 34 países que estavam abaixo dos 10% de cobertura no início deste ano – todos, à excepção de seis, em África.

Seis meses depois, apenas 10 países continuam a apresentar menos de 10% de cobertura, a maioria dos quais enfrenta emergências humanitárias.

É particularmente gratificante verificar que a cobertura dos grupos prioritários está a melhorar, tendo 10 Estados-Membros atingido uma cobertura vacinal de 100% entre os profissionais de saúde.

Trata-se de progressos muito encorajadores.

No entanto, ainda temos muito trabalho pela frente. O nosso continente não está de modo algum fora de perigo.

Como todos sabemos, as capacidades de vigilância e de testagem são fracas em toda a Região, e 75% das pessoas da Região ainda não receberam uma única dose da vacina, incluindo metade dos profissionais de saúde da região, e dois terços das pessoas com mais de 60 anos.

Continuamos a exortar todos os Estados-Membros a comprometer-se a vacinar 100% dos profissionais de saúde e 100% das pessoas com mais de 60 anos.

Esta é a melhor maneira de salvar vidas e de impulsionar uma recuperação verdadeiramente sustentável.

Ao mesmo tempo, estou profundamente ciente de que muitos Estados-Membros estão a trabalhar arduamente para restaurar muitos serviços essenciais de saúde, que foram gravemente afectados pela pandemia.

A cobertura vacinal foi particularmente afectada, deixando 11 milhões de bebés por vacinar ou com vacinação insuficiente na Região.

Estamos actualmente a assistir a surtos de sarampo de dimensões preocupantes em muitos Estados-Membros.

Exorto todos os Estados-Membros a darem prioridade à rápida recuperação dos serviços de vacinação, que constitui a pedra angular dos vossos esforços de recuperação.

Este passo é essencial para proteger as crianças de África – o futuro do nosso continente – de várias doenças, incluindo a poliomielite.

Há apenas dois anos, a região foi declarada livre do poliovírus selvagem.

No entanto, no último ano, dois Estados-Membros notificaram seis casos de poliomielite selvagem e 16 notificaram mais de 500 casos de poliomielite derivada da vacina – um alerta perturbador para o facto de que até a poliomielite ser erradicada em todo o lado, continua a ser uma ameaça em qualquer lugar.

Entretanto, o mundo está a ganhar consciência de uma doença que há muito aflige muitos Estados-Membros africanos: a varíola símia.

Embora apenas 1 por cento de todos os casos notificados este ano sejam oriundos de África, 7 das 12 mortes notificadas ocorreram na região.

Enquanto os países da Europa e das Américas clamam por vacinas, a OMS está a colaborar com os países e com os fabricantes para evitar que se repita a desigualdade a que assistimos no acesso às vacinas contra a COVID-19 no ano passado.

E, naturalmente, a OMS está profundamente preocupada com o desenrolar da crise sanitária e humanitária que decorre no Grande Corno de África, onde milhões de pessoas enfrentam fome devido a uma confluência de situações de seca, alterações climáticas, conflitos e aumento dos preços dos alimentos, combustíveis e fertilizantes.

A OMS está a trabalhar no terreno, e através da nossa sede, e dos escritórios regionais e de país, para fazer face aos surtos de doenças, para os detectar e controlar, para tratar a malnutrição e prestar serviços essenciais de saúde e medicamentos essenciais.

Já libertámos mais de 16 milhões de dólares americanos do Fundo de Contingência da OMS para Emergências, mas é necessário mais financiamento.

Há duas semanas, lançámos um apelo para angariarmos 123,7 milhões de dólares americanos destinados a apoiar o nosso trabalho.

As crises concomitantes no Grande Corno de África realçam a gama complexa e diversificada de desafios enfrentados por todos os Estados-Membros da Região, e que se reflectem na vossa agenda para esta semana.

Reflectem também as cinco prioridades que defini no discurso que proferi à Assembleia Mundial da Saúde há três meses:

Promover a saúde;

Prestar cuidados de saúde;

Proteger a saúde;

Potencializar a saúde;

E ter um bom desempenho e estabelecer parcerias no âmbito da saúde.

Permitam-me que desenvolva brevemente cada uma destas prioridades.

Em primeiro lugar, promover a saúde.

A concretização da nossa visão para atingir o mais alto padrão de saúde possível começa não na clínica ou no hospital, mas nas escolas, nas ruas, nos supermercados, nas casas e nas cidades.

Grande parte das vossas funções enquanto Ministros da Saúde consiste em lidar com as consequências de má alimentação, ambientes poluídos, estradas e locais de trabalho inseguros, insuficiência de literacia em saúde e a promoção agressiva de produtos que prejudicam a saúde.

É por isso que apelamos a todos os Estados-Membros que mudem urgentemente de paradigma, no sentido de promover a saúde e o bem-estar e prevenir doenças, fazendo face às suas principais causas e criando as condições necessárias para uma saúde próspera.

A estratégia regional actualizada para a gestão dos determinantes ambientais da saúde que irão examinar esta semana representa um passo importante nessa direcção.

Da mesma forma, a estratégia regional PEN-plus para combater as DNT centra-se na resposta aos factores de risco das DNT e em evitar o sofrimento e os custos que estas acarretam.

===

A segunda prioridade é prestar cuidados de saúde, reorientando os sistemas de saúde em prol dos cuidados de saúde primários, sendo estes os alicerces da cobertura universal de saúde.

Sabemos que 90% dos serviços essenciais de saúde podem ser prestados ao nível dos cuidados de saúde primários.

Enquanto região, enfrentam dois grandes desafios: a necessidade de alargar drasticamente o acesso aos serviços de saúde, reduzindo simultaneamente as dificuldades financeiras que tantas pessoas enfrentam quando pagam pelos cuidados de saúde do seu próprio bolso.

Por isso, encaro com satisfação o documento que vos será apresentado esta semana sobre a protecção contra riscos financeiros no âmbito da cobertura universal de saúde, e exorto-vos a implementarem as medidas nele contidas para reduzir as despesas directas dos utentes.

Do mesmo modo, os quadros que irão analisar esta semana sobre saúde mental e doenças de transmissão vectorial são ferramentas importantes e baseadas em dados factuais destinadas a fazer face a estas grandes causas de morbilidade e mortalidade.

===

A terceira prioridade consiste na protecção da saúde, reforçando a arquitectura de preparação, resposta e resiliência às emergências sanitárias a nível mundial.

O surto mundial de varíola símia é mais uma prova – se esta fosse necessária – de que a incapacidade colectiva, a nível mundial, de fazer face às doenças negligenciadas em comunidades negligenciadas nos coloca a todos em risco.

Como sabem, os Estados-Membros estão actualmente a negociar um novo acordo internacional sobre preparação e resposta a pandemias e, na sua última reunião, o Órgão de Negociação Internacional concordou que este instrumento seria juridicamente vinculativo.

Exorto todos os Estados-Membros africanos a que se envolvam activamente neste processo. Entre todas as regiões, a vossa é a que mais tem a ganhar com este acordo.

Saúdo igualmente a estratégia regional para a segurança e as emergências sanitárias, que estabelece um plano claro e muito necessário para tornar a região mais segura contra surtos e outras crises sanitárias.

===

A quarta prioridade é potencializar a saúde, com base na ciência, na investigação, na inovação, em dados e nas tecnologias digitais;

E a quinta prioridade consiste em ter um bom desempenho e estabelecer parcerias no âmbito da saúde, através da criação de uma OMS mais forte, que produz resultados, e que é reforçada para desempenhar o seu papel de liderança.

A pandemia demonstrou não só os motivos pelos quais o mundo precisa da OMS, mas também as razões pelas quais precisa de uma OMS mais forte, capacitada e financiada de forma sustentável.

Agradeço a todos os Estados-Membros o compromisso histórico que assumiram na Assembleia Mundial da Saúde deste ano de aumentar gradualmente as contribuições fixas para 50% do orçamento base ao longo da próxima década.

Enquanto Estados-Membros africanos, vocês desempenharam um papel fundamental nesta conquista – as vossas vozes foram ouvidas de forma marcante no Grupo de Trabalho sobre Financiamento Sustentável.

Este compromisso transformará a capacidade do Secretariado de produzir resultados onde estes são mais importantes – na vida das pessoas que todos servimos.

É vital que mantenhamos esta dinâmica, uma vez que o primeiro passo para a sustentabilidade se traduz numa proposta de aumento de 20% das contribuições fixas no orçamento para 2024–25.

Como sabem, mesmo antes da pandemia, já tínhamos conseguido grandes melhorias na eficácia e na eficiência, graças ao percurso de transformação que temos vindo a percorrer ao longo dos últimos cinco anos.

Consolidando as lições retiradas da pandemia, estamos empenhados em prosseguir esse percurso e em tornar a OMS ainda mais eficaz e eficiente.

Em particular, nos próximos anos, o nosso enfoque vai incidir sobre um reforço significativo os nossos escritórios de país, de modo a apoiar uma maior capacidade e um maior envolvimento dos países – especialmente através do reforço do pessoal da saúde de cada Estado-Membro.

Uma das formas como estamos a fazê-lo é através do programa de estágios da OMS, que inclui agora a atribuição de uma bolsa aos estagiários, para facilitar uma maior diversidade e uma maior participação dos países de baixo e médio rendimento.

Mais recentemente, lançámos também o Programa para Jovens Profissionais, para oferecer aos profissionais mais jovens dos países menos desenvolvidos a oportunidade de se tornarem a próxima geração de especialistas e líderes em matéria de saúde pública.

Estes jovens profissionais receberão um contrato efectivo de dois anos, e trabalharão em algumas das questões de saúde mais importantes enfrentadas pelos países menos desenvolvidos.

No início deste ano, seleccionámos o primeiro grupo de 14 jovens profissionais oriundos de 14 países em desenvolvimento, incluindo oito da Região Africana.

Agradeço à Fundação Buffett pelo seu generoso apoio a este programa.

Estamos também totalmente empenhados em apoiar instituições regionais mais fortes, incluindo o CDC de África, e é por isso que estamos a apoiá-lo tanto técnica como financeiramente, com um contributo de 10 milhões de dólares americanos.

Se me permitem um breve momento de vaidade, o CDC de África foi uma ideia que propus como Ministro dos Negócios Estrangeiros da Etiópia em 2013, e estou muito satisfeito por verificar onde chegou até hoje.



Do mesmo modo, continuamos a prestar apoio técnico e financeiro à Agência Africana de Medicamentos, para apoiar uma maior capacidade reguladora no continente.

Este esforço está aliado ao nosso compromisso de apoiar o reforço da produção local, como estamos a fazer com a criação do Pólo de Transferência da Tecnologia mRNA, na África do Sul, que tem agora 15 países destinatários em todo o mundo.

Por último, continuamos inteiramente empenhados na construção de uma OMS mais responsável.

Como Estados-Membros, também esperam, e com razão, uma OMS que adopte uma política de tolerância zero em relação à exploração, ao abuso e ao assédio sexuais, ou à inacção face a eles.

As 92 vítimas de exploração e de abuso sexuais durante a resposta ao surto de Ébola que decorreu entre 2018 e 2020 na República Democrática do Congo estão a receber serviços exaustivos através de um Memorando de Entendimento que criámos em conjunto com o UNFPA.

Estabelecemos ainda um Fundo de Assistência a Sobreviventes, que investiu até à data quase meio milhão de dólares americanos na prestação de serviços de apoio aos sobreviventes.

De modo mais geral, criámos uma equipa dedicada no âmbito do Programa da OMS para as Emergências Sanitárias, para garantir que as medidas de prevenção da exploração, do abuso e do assédio sexuais estão integradas em todas as respostas de emergência.

Já fizemos progressos significativos, mas temos muito mais a fazer. Garanto-vos que estou inteira e pessoalmente empenhado nesta causa.

===

Excelências,

Agradeço, uma vez mais, o vosso compromisso em promover, prestar, proteger e potencializar a saúde do vosso povo.

E garanto-vos que eu e os meus colegas continuamos empenhados em executar e em vos apoiar na nossa missão conjunta de promover a saúde, manter o mundo seguro e servir os mais vulneráveis.

I thank you. Merci beaucoup. Muito obrigado.

## PARA APRESENTAÇÃO DO CERTIFICADO

Vossa Excelência, Senhor Presidente Gnassingbé, mais uma vez, obrigado pela sua hospitalidade e pela sua liderança.

Durante séculos, o povo do Togo viveu e morreu com a ameaça sempre presente das doenças tropicais negligenciadas.

No entanto, com o apoio de parceiros, conseguiram ripostar e prevalecer.

A eliminação da dracunculose, da filaríase linfática, da tripanossomíase humana africana e do tracoma é uma conquista extraordinária, e uma dádiva não só para a população actual do Togo, mas para as gerações vindouras.

Em particular, é de notar que a República do Togo continuou os esforços necessários para eliminar a tripanossomíase humana africana em 2020, durante a pandemia de COVID-19.

Evidentemente, existem ainda outras doenças tropicais negligenciadas e muitos outros desafios sanitários que continuam a assolar o vosso povo.

Por isso, Senhor Presidente, encorajo-o a demonstrar a mesma capacidade de liderança para enfrentar estes desafios que revelou ao libertar o seu país destas quatro doenças.

Conto também com Vossa Excelência para prosseguir a mobilização, a sensibilização e o empenho para pôr fim às doenças tropicais negligenciadas em todos os países.

Assim, por ocasião da 72.<sup>a</sup> sessão do Comité Regional para a África, é com grande prazer que apresento a Vossa Excelência, Presidente Faure Gnassingbé, um certificado em reconhecimento do extraordinário feito conseguido pelo seu país de eliminar a dracunculose, a filaríase linfática, a tripanossomíase humana africana e o tracoma.

A minha irmã, a Dr.<sup>a</sup> Matshidiso Moeti, Directora Regional da OMS para a África, irá também presenteá-lo com uma placa, em nome de todos os parceiros internacionais do colectivo Uniting to Combat NTDs.